

**TRANSTORNOS OBSESSIVOS E A MELANCOLIA: A CAPACIDADE DE
ACESSAR A CULPA PARA WINNICOTT***OBSESSIVE DISORDERS AND MELANCHOLIA: THE ABILITY TO ACCESS GUILT
FOR WINNICOTT*

DOI 10.5281/zenodo.14417603

Ieda Benedetti¹
Mara Cristina Pelegrino Pereira²**RESUMO**

As grandes transformações contextuais contemporâneas demandam atualização na compreensão dos transtornos emocionais que acometem pessoas que nele vivem. Muda-se o contexto, transforma-se, por consequência, a constituição do sujeito. Nessa perspectiva, o objetivo do presente artigo é compreender as relações que se estabelecem entre os transtornos obsessivos, a melancolia e a capacidade de sentir culpa à luz dos conceitos Winnicottianos, visto que tais quadros apresentam-se com maior gravidade no contexto da clínica atual. Os resultados apontam para a culpa vista como aquisição que possibilita o acesso ao perdão que, por sua vez, abre novas perspectivas elaborativas. Por fim, conclui que a capacidade de sentir culpa é uma aquisição que está diretamente associada aos processos psicopatológicos imbricados na melancolia e nos transtornos obsessivos.

Palavras-chave: Transtornos obsessivos, melancolia, culpa

ABSTRACT

The great contemporary contextual transformations require updating the understanding of the emotional disorders that affect people who live in it. Changes the context, transforms, and, consequently, changes the constitution of the person. From this perspective, the goal of this article is to understand the relations established between obsessive disorders, melancholia and the ability to feel guilty in the light of Winnicottian concepts, knowing that such conditions present themselves with greater severity in the context of current clinical practice. The results point to guilt seen as an acquisition that allows access to forgiveness, which, in turn, opens new elaborative perspectives. Finally, it concludes that the ability to feel guilt is an acquisition that is directly associated with the psychopathological processes involved in melancholia and obsessive disorders.

¹ Graduada em Psicologia. Mestre em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho (Unesp). Doutora em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Pós-Doutora em Ciências da Saúde pela Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho (Unesp). Coordenadora do curso de Psicologia UNIPRUDENTE. E-mail: iedabenedetti@hotmail.com

² Mestra em Estudos da Linguagem pela UEL – Universidade Estadual de Londrina, graduada em Letras pela AEPREVE, graduada em Pedagogia pela FAL, especialista em Educação pela Faculdade Pitágoras e graduanda em Psicologia pela UNIPRUDENTE, com Formação em Psicanálise pelo Instituto PSI. Diretora da rede estadual de Educação do Estado de São Paulo. E-mail: mara_pelegrino@hotmail.com

Keywords: Obsessive disorders, melancholy, guilt.

1 INTRODUÇÃO

O percurso seguido nesse artigo discorre sobre a interrelação entre o surgimento da capacidade de sentir culpa e a formação do circuito benigno, os quadros melancólicos e os transtornos obsessivos. São descritas as concepções Freudianas e Winnicottianas sobre a culpa para correlacioná-la aos quadros supracitados.

Para Winnicott (1983), os processos de maturação correspondem à evolução do *ego* e do *self* e *id*, das pulsões e das suas vicissitudes e do histórico de defesas do *ego* relativas às pulsões. O autor publica uma conferência, em 1958, sob o título: Psicanálise do Sentimento de Culpa, em que apresenta a culpa como um sentimento que surge de um amadurecimento da vida psíquica do bebê. Sob esse olhar, para Winnicott, a culpa precede a intenção, o que pressupõe um processo de integração anterior e elementos maturacionais prévios, ou seja, a culpa não pode ser pensada apenas como fruto de fantasias e sim como elementos maturacionais integrados em torno de experiências que têm como condição de possibilidade a relação humana interpessoal, ou, nas palavras do autor, a presença do rosto humano.

Ainda para o mesmo autor, a culpa é uma aquisição, decorrente de processos maturacionais e interacionais, experiência de si mesmo e aparecimento do *ego*.

Ao se considerar que o surgimento da culpa pressupõe intenção e depende de uma experiência de si, ela não pode, então, ser inculcada por processos educacionais. As tentativas de desenvolver a capacidade de sentir culpa por processos educacionais, dissociados das experiências de si, podem alijar a criança da capacidade de sentir culpa de modo genuíno.

Cabe, então, ao meio ambiente organizar as experiências e os processos para que a criança possa em si alcançar a capacidade de sentir culpa. Winnicott (2022) procura destacar que existem condições prévias de amadurecimento para que uma pessoa possa se sentir preocupada, concernida, culpada, por exemplo. Em sua teoria, as idades estão relacionadas a um amadurecimento esperado e que de acordo com cada estágio de desenvolvimento, a criança está preparada para conquistar capacidades específicas.

Winnicott relata que para Freud, no desenvolvimento emocional do bebê, este “experimenta impulsos agressivos e eróticos dirigidos a um mesmo objeto e ao mesmo tempo” (Winnicott, 2022, p.93). A culpa que está relacionada ao conflito edipiano e as ações infratoras visam dar sentido a essa culpa pré-existente, segundo Freud (1996), publicado originalmente em 1923. A culpa antecede ao ato infracional, buscando dar sentido a um sentimento que é vivido pelo indivíduo com experiência de enlouquecimento ou grande angústia, demandando atos que lhe dê sentido. A transgressão, dessa forma, é concebida como busca de sentido. Para Winnicott, a culpa é uma ansiedade com características especiais que se correlaciona à conquista de uma capacidade de tolerar sentimentos ambivalentes. A ansiedade tolerada, afirma ele, “tem sua qualidade alterada e se converte em sentimento de culpa” (Winnicott, 2022, p.96). Portanto, tolerância é uma aquisição fundamental para o acesso da capacidade de sentir culpa.

Nesse sentido, Freud e Winnicott não se distanciam pois para o primeiro, a culpa também advém da capacidade de tolerar a ambivalência, nesse caso, presente no conflito edipiano. Constatamos, por esse viés, que os dois autores apresentam os conceitos de tolerância e ambiguidade como imbricados na conceituação da culpa. A ambivalência compreende sentimentos de amor e ódio direcionados às figuras paterna e materna decorrentes de componentes instintivos, maturacionais, presentes na aproximação amorosa da criança dirigida a um dos genitores e a conseqüente rivalidade com o outro genitor.

Cabe, dessa forma, à criança, para seu desenvolvimento psíquico, organizar a capacidade de tolerar conflitos e sentimentos ambivalentes presentes neles. Sem essa capacidade, a criança fica impedida de acessar a capacidade de sentir culpa. Para isso, faz-se necessária a sustentação.

Através dessa sustentação - que Winnicott (2021) descreve como *holding*, isto é, um mecanismo básico para uma maternagem suficientemente boa possibilitando a constituição do self do bebê - a criança pode viver sua vida instintiva como oriunda de processos internos, contrastando com as vivências imaginárias primeiras que entendem que suas questões instintivas venham do meio. A partir da suficiente sustentação, a criança pode conceber que suas motivações provêm de si e pode, então, usufruir de sua capacidade instintiva e caminhar em direção ao gesto. Antes disso, a possibilidade do gesto está paralisada e impedida.

A sustentação ou *holding* possibilita a capacidade de tolerar a ambivalência necessária para que a criança possa acessar a capacidade de sentir culpa e o sentido de si mesma. Para se acessar a capacidade de sentir culpa, há que se suportar a ambivalência e deve haver a sustentação para que a criança caminhe rumo à capacidade de usufruir da vida instintiva. Para tanto, há que se ter a presença do outro humano. Esse outro é necessário para que haja a sustentação da ambivalência e da intensidade de sentimentos instintivos antagônicos em relação à figura amada e temida.

Apresenta-se aqui a importância do outro humano na sustentação da ambivalência e na introjeção de valores da figura pela qual se dirigem os sentimentos ambivalentes, ou a introjeção de valores do pai a qual se teme. A introjeção do pai temido é o núcleo da formação do superego. Não se trata apenas da introjeção dos valores da figura paterna, mas, antes, de experiências de introjeção de diversas outras figuras paternas. Essas diversas introjeções serão as organizadoras do superego.

Para Freud (2022), a culpa é fruto da negociação da experiência vivida pela criança entre o ego e o superego, sendo o superego a introjeção de um certo senso de moralidade humana. Evoca-se, nesse aspecto, os sentidos de reverência e de perdão. Com o desenvolvimento e o tempo, a culpa organiza-se no sentido da moralidade em direção aos valores humanos. A culpa é um dos elementos necessários para que o entendemos como humano se torne humano de fato. Para tanto, são necessários os sentidos de reverência, compreensão e perdão.

Segundo Winnicott (1983), o bebê recebendo continuamente o cuidado materno, cria na experiência instintiva uma nova elaboração, uma capacidade de reparação maior. Assim, só um superego com “rosto humano” pode acessar o sentido de perdão. Contudo, nesse percurso há uma série de outras experiências que têm características sub-humanas, que contemplam as características do terror e a incapacidade do perdão. O perdão só pode ser organizado nas relações interpessoais ou frente ao rosto humano.

As vivências sub-humanas não apontam para a pulsão de morte, mas, segundo Winnicott (2021), para a ausência da presença do outro, ou do rosto humano. Para que o superego se organize do modo humano, há que se desenvolver o senso de reverência e o sentido do perdão. Compreender, viver as experiências de acolhimento e ternura são elementos necessários para que se atinja o sentido do perdão.

O mundo é oferecido ao bebê, porém, do ponto de vista do bebê, ele é criado. Nesse sentido, Winnicott (1975, p.27), em *O Brincar e a Realidade*, atesta: "A adaptação da mãe às necessidades do bebê, quando suficientemente boa, dá a este a ilusão de que existe uma realidade externa correspondente à sua própria capacidade de criar". A mãe busca, por seu lado, a assertividade nas demandas da criança no processo de mediação de suas necessidades. Nas palavras de Winnicott (1975, p.4), a mãe "está preparada para uma experiência na qual ela sabe, muitíssimo bem quais são as necessidades do bebê". As vivências com qualidades sub-humanas são terríveis e nelas não há a possibilidade de acessar o sentido do perdão pois não há a mediação humana.

A ausência da mediação humana dá origem ao sadismo e a voracidade e isso, com base em Winnicott (1975), em um trabalho publicado originalmente em 1958, significa que qualquer potencialidade do indivíduo só se torna dele se for experienciada. A voracidade é decorrente da experiência do seio funcional, ofertado com a intenção única de amamentar sem o acolhimento, sem a personalidade. A diferença do seio ofertado pessoalmente e o seio ofertado funcionalmente é a possibilidade da comunicação terna e silenciosa que se dá entre a mãe e seu bebê, ou seja, a própria personalidade, a dinâmica relacional rica em ternura que possibilita a comunicação silenciosa. A seio funcional cumpre o papel de amamentar apenas.

Associado ao superego primitivo, estruturam-se alguns quadros psicopatológicos, tais como a voracidade, que indica que o seio funcional ofertou apenas comida e que tudo o que subjaz falta, evidenciando a fome, necessidade, de afeto, portanto, não existe a possibilidade de saciedade.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

O procedimento metodológico utilizado no estudo foi o levantamento bibliográfico. De acordo com Fonseca (2002), a realização da pesquisa bibliográfica se faz presente a partir da revisão da literatura, isto é, do levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Por esse viés metodológico, todo qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, uma vez que o revisitar do construto

teórico permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Ainda para este autor, algumas pesquisas científicas baseiam-se, unicamente, na pesquisa bibliográfica, pois o conhecimento prévio sobre o problema a ser investigado permeia a busca de resposta para o problema que ora se apresenta.

Na perspectiva de Gil (2002), a pesquisa bibliográfica desenvolve-se com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.

Severino (2007), em suas considerações sobre a pesquisa bibliográfica, afirma que é a técnica que visa o recolhimento de informações previamente coletadas sobre o campo de interesse do pesquisador para levantar materiais que seja fonte para o processo de pesquisa por meio de materiais audiovisuais, publicações de livros, artigos, monografias, imprensa escrita, devidamente registrados. Desta forma, como fonte de temas a serem pesquisados, os textos permitem que o pesquisador construa seu material de estudos a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos.

Nessa abordagem teórico-metodológica, o presente estudo apoia-se na literatura especializada de alguns autores tidos como referência nas questões referentes aos transtornos obsessivos compulsivos e melancolia e, em especial, Winnicott e a questão da culpa atrelada à condição psíquica apresentada.

3 CAPACIDADE DE SENTIR CULPA

Para acessar a capacidade de sentir culpa demanda o relacionamento interpessoal, amadurecimento, a experiência de ter sido sustentado, também a capacidade de que a criança acesse a possibilidade de sustentar conflito e ambivalência. A capacidade de sentir culpa é, então, sinal de saúde e esperança. Saúde, por ser o acesso a um estatuto de amadurecimento e de esperança, para que exista o perdão, a restituição, a reparação. Dessa forma, recuperar o que ficou suspenso no processo de desenvolvimento conduz a um recomeço e promove a esperança. É imprescindível considerarmos, ao conceituar o processo que subjaz o sentimento de culpa, as considerações que “[...] mesmo quando é inconsciente e aparentemente irracional, o sentimento de culpa implica certo grau de crescimento emocional, saúde do ego e esperança” (Winnicott, 2022, p.21).

Um dos eixos centrais na teoria Winnicottiana é o lugar da esperança no desenvolvimento humano. Esperança está presente na busca do objeto e de um encontro que possibilite um reinício das coisas que estão estancadas nas dores, no tempo e nos processos angustiantes e, principalmente, está presente através do sentimento de culpa que possibilita o acesso à ação restaurativa e ao perdão. Sem o sentido da esperança, podem emergir distorções psicopatológicas do sentimento de culpa. Para que ela possa ser ressignificada, faz-se necessária a mediação na experiência terna com o outro.

No lugar que surge o sentimento de culpa, há a possibilidade de o indivíduo se reorganizar frente à experiência, caminhando em direção ao gesto da esperança e da restituição, da reparação e de reposicionar-se na experiência. Sem a possibilidade de acessar o perdão, o entendimento e a compreensão, a organização psicopatológica vai tomar o lugar surgindo as expressões do adoecimento relativo à culpa.

Nas expressões psicopatológicas, o sentimento de culpa atinge o estatuto de intolerável aproximando-se da experiência de enlouquecimento. Acessar o sentimento de culpa é uma oportunidade para escapar da psicopatologia e realizar algo construtivo. Uma vez acessado o sentimento de culpa, é possível restaurar-se, eticamente, frente às situações. Para que o indivíduo possa encontrar a oportunidade, é necessária a presença humana do outro que possibilite que este caminhe no sentido da compreensão, entendimento e perdão. O perdão é o que permite que o gesto restaurativo aconteça.

Quando o sentimento de culpa demanda uma ação reparatória e a oportunidade da reparação não acontece, ocorre uma vivência agônica, um sentimento de culpa intolerável:

[...]a oportunidade para doar e fazer reparação – que a mãe-ambiente oferece por sua presença consistente – permite que o bebê se torne cada vez mais ousado ao experimentar seus impulsos instintivos; ou, dito de outro modo, libera a vida instintiva do bebê. Assim a culpa não é sentida, mas permanece dormente, ou em potencial, e aparece (como tristeza ou estado de ânimo deprimido) somente se não surge oportunidade de reparação (Winnicott, 2022, p.96).

A experiência de reparação permite que a culpa seja elaborada. A experiência é, então, figura central na ação construtiva que resgata o indivíduo da culpa intolerável.

A ação constitutiva ocorre na experiência interpessoal, na presença do outro humano que sustenta e medeia o perdão. Reforçamos essa condição, nas palavras de

Winnicott: “Há constituição do circuito benigno de (1) experiência instintiva; (2) aceitação de responsabilidade; (3) uma resolução ou elaboração e (4) um gesto restitutivo verdadeiro” (Winnicott, 1983, p.27).

Quando a criança não acessa a experiência de ambivalência, não acessa a esperança do perdão e a possibilidade de ressignificar-se frente à culpa, entra em uma vivência patológica. Quando a culpa é vivida sem a pessoalidade, de modo autoritário e sem possibilidade de perdão e esperança, a criança é alçada a uma vivência patológica da culpa com sofrimento e crueldade. A figura autoritária não admite erro e está distanciada do perdão.

Dessa forma, a figura autoritária retira da criança a possibilidade da experiência, impedindo que ela venha maturar a experiência e todo processo de elaboração que vem com o encontro da esperança, abrindo perspectivas ao circuito benigno. Inculcar a culpa em uma perspectiva autoritária é uma vivência de culpa sem perdão, doentia e desesperadora. A culpa autoritária estabelece na criança um falso superego. O falso self e o falso superego estão em registro próximo. Neles não há a possibilidade de experimentação. A criança não encontra no outro a autoridade, e sim um mimetismo, um simulacro de uma moral dissimulada.

A autoridade é aquela que possibilita o perdão. Quando a criança não consegue alcançar a culpa como experiência de oportunidade de restituição, temos dois quadros clássicos decorrentes desse superego autoritário que são a melancolia e a neurose obsessiva.

Nas neuroses obsessivas há sempre um anseio desesperado por tentar manter as coisas certas, através das diversas ações obsessivas. Porém, são ações fadadas ao insucesso pois, pela sua própria natureza, acontecem fora do campo interpessoal, segundo Winnicott (2022). O neurótico obsessivo encontra-se aprisionado em uma experiência sem saída e com a ausência do rosto humano, rosto esse que possibilita a o interpessoal e o circuito benigno de esperança e perdão.

Assim, Winnicott compreende que as psicopatologias são o modo do que o indivíduo em sofrimento psíquico encontrou para se organizar, psicologicamente, defendendo-se frente à angústia na ausência da face da personalidade ou do rosto humano terno, e o tempo, que possibilitam os processos elaborativos, ou seja, as psicopatologias são organizações defensivas.

Cada quadro clínico é um modo de organização defensiva frente a angústias infinitas inalcançáveis na modulação do corpo do outro e da experiência do perdão. Distante das possibilidades da personalidade, a culpa passa a ser um sentimento eternamente aniquilador.

Na neurose obsessiva, a culpa se organiza em forma de ritos que visam anular uma ideia pela outra, de acordo com Winnicott (2022). Isso se dá pois o indivíduo não acessou o circuito benigno que consiste em acessar o sentimento de culpa na experiência da personalidade, de perdão e o surgimento da esperança derivativa dessa equação. Na melancolia, segundo Winnicott (2022, p.23): “O paciente melancólico pode ficar paralisado por um sentimento de culpa e pode ficar anos a fio se acusando de ter causado a guerra mundial”.

Há uma organização defensiva do humor, em que a depressão é uma organização defensiva paralisante. O indivíduo encontra-se paralisado em uma equação depressiva paralisante equivalente ao sentimento de morte. O devir está impedido. A culpa sem solução lança o indivíduo em uma experiência paralisante sem tempo, eterna e sem solução.

Nos quadros melancólicos, o indivíduo não consegue alcançar a possibilidade de experimentar a destrutividade pessoal, sem a mediação do outro não se atinge, então, a possibilidade da sustentação da ambivalência. A destrutividade atinge níveis insustentáveis.

A culpa é uma ansiedade com características específicas associada à ambivalência entre o amor e o ódio e é uma aquisição da experiência com as diversas facetas do outro e com o outro, portanto, uma experiência interpessoal. No encontro com o outro, pode-se acessar uma experiência de vitalidade e a oportunidade de acessar as experiências construtivas e restitutiva na face do perdão e na abertura para esperança.

O encontro com o outro na vitalidade, que possa sustentar através do holding uma experiência de ambivalência, uma experimentação dos instintos destrutivos possibilitará o acesso ao perdão que desemboca na esperança e constitui o circuito benigno. No atual contexto, a transitoriedade, a aceleração das demandas oferecem um cenário que torna todo esse acesso mais complexo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estamos, frequentemente, nos deparando com situações tangentes à contemporaneidade que suscitam adoecimento mental e que se apresentam nos settings terapêuticos. Encontramos, da mesma forma, cotidianamente, nos noticiários e redes sociais pessoas em grande sofrimento psíquico, resultando no aumento dos índices de suicídio, uso de substâncias, violência e de pessoas cada vez mais jovens sendo protagonistas desse cenário.

Pessoas que não puderam tolerar a ambivalência e não encontraram a face humana como experiência de perdão e caminho da esperança vão desenvolver essas duas possibilidades, a melancolia e a neurose obsessiva. A queda da Inter pessoalidade tem como decorrência essas duas posições psicopatológicas. Importante relatar que a queda da pessoalidade vem se agravando na configuração do contexto contemporâneo.

Na neurose obsessiva há sempre a tentativa de acertar algo, na substituição de uma ideia pela outra; na melancolia, a organização defensiva se expressa no humor, em que o indivíduo se encontra em uma experiência infinita de paralisia diante de uma culpa sem solução e incapacitante do acesso ao devir.

As experiências na pessoalidade são, como demonstrado neste texto, o elemento central para o acesso do circuito benigno que se caracteriza pelo encontro terno com a pessoalidade, na relação com o outro, que permite a sustentação a ambivalência, originando a possibilidade a acessar a culpa e a experiência de perdão, com surgimento da esperança.

Dessa forma, reiteramos que é na compreensão da importância da experiência da pessoalidade e da estruturação dos processos imbricados nos transtornos obsessivos e melancólicos que reside a importância fundamental desse artigo.

REFERÊNCIAS

- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.
- FREUD, S. **O ego e o id**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, SP: Atlas, 2002.
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo, SP: Cortez, 2007.
- WINNICOTT, D.W. **O Ambiente e seus processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed, 1983.
- _____. **Processos de amadurecimento e ambiente facilitador**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. São Paulo: Ubu / WMF Martins Fontes, 2022.
- _____. **Da pediatria a Psicanálise**: obras escolhidas. São Paulo: Ubu/ Martins Fontes, 2021
- _____. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- _____. **Os bebês e suas mães**. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013

Submetido em: 03/05/2024

Aceito em: 23/06/2024